MAX CARPHENTIER E O "DISCURSO ENGENHOSO" EM FAVOR DA FLORESTA, NA OBRA *O SERMÃO DA SELVA*[1]

Tacy Mara Monteiro Leão[2]

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a temática da degradação e preservação ambiental na Amazônia a partir da obra *O Sermão da Selva*, de Max Carphentier. Como embasamento teórico, no que concerne a Literatura enquanto representação histórico-social, nossos argumentos encontram-se pautados no pensamento de autores como Candido (2008), Goldmann (1976), Souza (2009), entre outros, que nos darão suporte na discussão analítica acerca do conteúdo poemático carphentiano. Nesta pesquisa foram levados também em consideração aspectos relevantes sobre a formação e o desenvolvimento da Amazônia brasileira, a fim de uma melhor contextualização acerca da degradação ambiental causada pelo homem, e sua possível reversão.

Palavras-chave: Sermão da Selva, Degradação, Preservação.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the theme of environmental degradation and preservation in the Amazon region as it appears in *O Sermão da Selva*, by Max Carphentier. As for the theoretical approach, concerning Literature as a historical-social representation, our presuppositions are based in the thoughts of authors like Candido (2008), Goldmann (1976), Souza (2009), among others, who will support the analytical discussion about the carphentian poetic contents. In this research, we also took into consideration the relevant aspects about the formation and the development of the Brazilian Amazon in order to have a better contextualization of the environmental degradation caused by the man, and its possible recover.

Keywords: Sermão da Selva, Degradation, Preservation.

Introdução

Tida como uma região rica e exuberante, a Amazônia tornou-se alvo de cobiça e objeto de assalto desenfreado do homem desde a chegada dos primeiros colonizadores a esta região em meados do século XVI. Por seu expressivo potencial vegetal, animal e mineral, a região amazônica chegou a ser classificada, já naquela época, com a alcunha de "paraíso verde". Foi justamente a partir da devastadora ação humana sobre a floresta, numa espécie de "assalto desenfreado" ao longo dos últimos séculos, que culminou no avançado quadro de degradação sofrido pela floresta e seu ecossistema ao longo dos anos.

É decorrente do alto índice de degradação sofrido em seu ecossistema que, na atualidade, essa região passa a exigir o empenho e o trabalho não só dos naturalistas e ambientalistas, no sentido de conter o avanço da devastação da floresta, mas também conscientizar a população acerca da situação degradante sofrida pela floresta e a necessidade

---

[1]Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção de grau no curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, sob orientação da professora Esp. Joanna da Silva.

[2] Acadêmica do Curso de Letras Português/Inglês do IEAA-UFAM.

de projetos em torno de sua restauração e preservação do ambiente devastado e, acima de tudo, desenvolver através de todos os possíveis veículos de comunicação, uma política de conscientização da população nacional e mundial acerca da necessidade de "salvar" uma região que, de acordo com Lima (2005), está morrendo dia após dia, pois, assim [*C*]*omo um músculo cardíaco depois de um infarto, o sistema ecológico amazônico já tem partes irremediavelmente feridas. Evitar sua morte é o desafio do século* (LIMA, 2005, p. 172).

É justamente neste contexto que, a nosso ver, a literatura, enquanto expressão do homem, representação do mundo, conhecimento da realidade histórico-social, constitui-se em ferramenta de reconstrução do mundo através da linguagem, e torna-se também aliada nesta luta pela proteção não só dos direitos humanos, mas também na batalha pela preservação dos bens da humanidade. É neste sentido, que a obra *O Sermão da Selva*, de Max Carphetier, vincula-se a esta temática como ferramenta em favor da "salvação" e preservação da nossa floresta amazônica.

Nesta perspectiva, entendemos que a obra do poeta e escritor amazonense Max Carphentier, apresenta-se como um importante veículo de conscientização acerca da realidade amazônica, pois a mesma, além de mostrar o ambiente amazônico em ruínas, levanta "a bandeira" em favor da preservação e restauração dos recursos naturais amazônicos, conclamando aos homens de "boa vontade", através de uma linguagem espiritualista, quanto a necessidade de combater a devastação e seus efeitos sobre um ecossistema já agredido e devastado pela ação humana.

Para compreendermos melhor o atual estado de devastação no qual se encontra a Amazônia brasileira, é necessário que tenhamos conhecimento acerca das causas ou fenômenos que contribuíram no processo de transformação gradativa pela qual a natureza amazônica vem sofrendo ao longo de sua história. Para isso, contextualizamos nossa análise literária com uma pesquisa histórica acerca do processo de colonização e exploração sofrido pela Amazônia, atentando, dessa forma, para o entrelaçamento existente entre estes dois conceituados campos de conhecimento.

Portanto, propomos desenvolver neste trabalho uma análise voltada para a temática da destruição e preservação da Amazônia, tema este presente no *corpus* de nosso objeto de estudo, por se tratar de um assunto de grande relevância e repercussão mundial que necessita, na atualidade, ser melhor discutido, analisado e divulgado afim de melhor conscientizar a população acerca dos efeitos do desequilíbrio ecológico sobre a vida, em todos os seus aspectos, e sua real necessidade de preservação.

A Literatura a sua função histórico-social

A literatura não se limita apenas à função de entreter o leitor, proporcionando-lhe emoções ou causando-lhe admiração, antes, porém, é a arte que reflete a realidade de um povo num determinado contexto histórico-social, provocando reflexões que podem implicar em mudanças no comportamento, tal é o poder crítico e persuasivo contido em determinados textos literários.

O crítico Antônio Candido reforça essa importância da literatura no contexto sócio-cultural ao afirmar que algumas obras literárias se constroem justamente da caracterização e do entrelaçamento de fatores sociais adquirindo, assim, dimensões sociais tão evidentes que chamam a atenção do leitor às questões críticas e de cunho social nelas contidas, atuando, dessa forma, como fatores a incitar o leitor na busca de um significado mais amplo e profundo, uma vez que, de acordo com o crítico, [*E*]*m todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós* (CANDIDO, 2008, p. 24).

Ainda segundo Candido (op. cit.), a influência que o escritor exerce sobre seu público pode ser considerada a partir de diversos fatores, dentre eles, o impulso e a necessidade interior do autor e os padrões socioculturais de sua época, que vão influenciar diretamente na escolha do tema e das formas utilizadas que estabelecerão vínculo da obra literária como objeto estético em conexão com a realidade histórico-social.

Partindo desta perspectiva, podemos afirmar que a escrita literária não está dissociada da realidade e dos anseios sociais de determinados grupos, antes porém, é parte que se integra reciprocamente, sendo o artista um instrumento de comunicação entre a obra e o público, o que implica necessariamente na atuação do mesmo no meio, não apenas como testemunha dos fatos mas, como alguém que contribui significativamente para a consciência do bem coletivo em sua comunidade. É justamente sobre isto que também nos fala Lucien Goldmann, ao afirmar que a produção literária como estrutura complexa se manifesta pela mediatização entre história e realidade pois, segundo a autora, [...] *seria difícil imaginar que ela pudesse ter nascido um dia da estrita invenção individual, sem fundamento algum na vida social do grupo* (GOLDMANN, 1976, p. 15).

Dessa forma, podemos observar que o engajamento do artista na sociedade a qual pertence é tão essencial quanto o conhecimento de causa e relevância no que concerne ao assunto abordado, a fim de que a mensagem poética possa ser reconhecida, entendida e valorizada. Tomando por base o pensamento sociológico, as palavras de Goldmann (op. cit.),

ratificam essa ideia ao afirmar que, *A consciência coletiva não é uma realidade primeira, nem uma realidade autônoma; elabora-se implicitamente no comportamento global dos indivíduos que participam na vida econômica, social, política, etc.* (p. 19).

São justamente esses fatores que parecem influenciar a proposta de escrita identificada na obra de Max Carphentier, ao observarmos seu envolvimento com os problemas sociais que se manifestam através de uma escrita "educativa" na qual o autor se revela como defensor da preservação da floresta Amazônica. Uma obra de cunho educativo tão expressivo que Pereira Neto, em comemoração ao dia Mundial do Meio Ambiente, em maio de 1980, o classificou como um *livro que deveria ser adotado por todas as escolas do Brasil* (NETO, 1980, s/p.).

Ao tomar como mote de sua criação poética a defesa e a preservação da natureza Amazônica, Carphentier não só conclama a conscientização do povo a respeito de uma região tida como "patrimônio da humanidade", e que hoje caminha para um cenário em devastação e ruínas, como também nos chama a atenção para a situação degradante pela qual vem passando a região amazônica nas últimas décadas, ambiente este que outrora fora visto pelo mundo com deslumbramento por sua diversidade e riqueza vegetal, animal e mineral, atraindo assim a cobiça dos conquistadores europeus que, movidos pelo interesse econômico, para cá vieram em busca de riquezas.

Tamanha é a importância do comprometimento com o bem estar social presente na escrita carphentiana, que não só chamou a atenção como também mereceu destaque nas palavras do ilustre poeta modernista Carlos Drummond de Andrade, que faz a seguinte afirmação:

> O Sermão da Selva tem a dignidade da poesia a serviço da vida. Assim essa voz poética seja ouvida, em coro com a dos cientistas e dos brasileiros de boa vontade, para que não se arruíne a floresta Amazônica, esse bem da humanidade, que nos cumpre defender (DRUMMOND, 1995)[3].

Em se tratando de comprometimento literário ligado a causas sociais, a obra de Carphentier se faz notória e se atualiza através do tema da preservação também neste ano de 2011 ao ganhar como aliada nesta luta em favor da preservação ambiental a força e a voz da Igreja Católica, quando esta, também elege a defesa do meio ambiente como tema de sua Campanha da Fraternidade deste ano, em cujo *slogan* se estampa o lema: "A criação geme em dores de parto" (Rm 8:22) . Como promotora da vida e da dignidade humana no planeta, a Igreja através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), repudia o uso

[3]Nota presente na contra-capa da 3ª. Edição da obra *O sermão da Selva*, publicada em 1995.

inadequado dos recursos naturais, e clama pela necessidade de transformação de pensamentos e atitudes diante dos problemas causados pelo homem ao meio ambiente.

Assim, podemos afirmar que o comprometimento do artista com a veracidade dos fatos e os interesses sociais é fator imprescindível na escolha de um determinado tema para que sua produção tenha uma repercussão positiva socialmente, na medida em que a palavra e a ação possam se complementar, pois sendo então a literatura um veículo de conhecimento da realidade, e uma das tantas formas de expressão de mundo e de interesses coletivos e humanitários, é que o escritor passa a atribuir um sentido, ou valor, sociocultural a sua produção.

Max Carphentier e a teopoética em favor da preservação da Amazônia

Max Carphentier Luiz da Silva nasceu em Manaus no dia 29 de abril de 1945. Surgiu como escritor no contexto da literatura amazonense na década de 70 vinculado ao Clube da Madrugada[4]. É membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da União Brasileira de Escritores do Amazonas. Também foi presidente da Academia Amazonense de Letras no biênio 2002/2003. Publicou diversas obras poéticas, dentre as quais destacamos as de cunho religioso, e que trazem como temática a Amazônia: Quarta esfera (1975); O Sermão da Selva (1979); Nosso Senhor das Águas; Nossa Senhora de Manaus (1995); Tiara do Verde Amor (1988); e Manaus de Toda Vida, sendo esta uma série de poemas em prosa.

De acordo com Auricléia Oliveira das Neves, no ensaio intitulado “Salmos pela vida Amazônica” (2011), a poética carphentiana costuma ser considerada simbolista por alguns críticos, devido seu teor, e pós-modernista para outros pelo tempo histórico de sua produção. Segundo Neves (op. cit.), mesmo que o religioso não seja a principal temática na obra carphentiana, ela segue a tendência teopoética[5], assim como obras de outros escritores consagrados em nossa literatura nacional, como Pe. Antônio Vieira, José de Anchieta, Gregório de Matos, Hemetério Cabrinha, avô de Carphentier, e um dos nomes consagrados na poesia amazonense, e tantos outros escritores que produziram textos sob esse viés

[4]O Clube da Madrugada foi um importante movimento literário que surgiu no Amazonas em 1954 com o objetivo de renovar a cultura artístico/literária no estado instaurando o ideário modernista na cultura regional, cujo intuito era superar tanto o conceito de infernimo, visão negativa que concebia o universo amazônico como um vasto inferno verde, cheio de mistérios, sombrio; quanto o de edenismo, visão positiva e paradisíaca da Amazônia, o paraíso verde (TELLES, 2005).

[5] Termo usado para designar a vertente literária que apresenta diálogo interdisciplinar entre Literatura e Teologia (NEVES, op. cit.).

espiritualista, demonstrando o quanto o Cristianismo encontra-se presente na base histórica e cultural do ocidente.

Dentro deste contexto, observamos que a obra de Max Carphetier, aqui tomada como foco de análise, encontra-se voltada à temática da exaltação e defesa da natureza Amazônica e sua biodiversidade, que hoje é vista como celeiro de vida e patrimônio da humanidade, embora ameaçada pela ambição humana que dizima a floresta, os animais e causa a poluição dos rios e do ar, colocando em risco a vida humana no planeta, torna-se este o mote principal da obra *O Sermão da Selv*a, obra esta aqui tomada como objeto de análise.

Porém, antes de iniciarmos a análise da referida obra, faz-se necessário reportarmos, mesmo que brevemente, ao processo histórico de descoberta e exploração da região Amazônica, para que assim possamos contextualizar, a partir do processo de desenvolvimento e destruição pelo qual passou a região, a necessidade que se faz presente atualmente em relação a sua preservação, fatos estes vinculados ao conteúdo poético carphentiano.

Concebida no imaginário europeu como uma região exuberante e misteriosa, berço de mitos e lendas, historicamente a região amazônica despertou a cobiça no mercado mundial primeiramente por seu potencial de "país das drogas do sertão". A viagem pioneira comandada por Francisco Orellana (1541-1542), e relatada pelo dominicano frei Gaspar de Carvajal, foi uma das primeiras expedições a trazer ao conhecimento do mundo a descoberta do rio e país "das Amazonas", sendo sucedida por inúmeras outras que se aventuraram em busca de riquezas e novas descobertas (BOLLE, 2009).

A literatura colonial de crônicas e os relatos documentais produzidos nesta época contribuíram de maneira decisiva na concepção da Amazônia com uma forma determinada e particular de expressar a região. A literatura colonial legou à Amazônia o velho e gasto conceito de "celeiro do mundo", desencadeando a partir de então uma espécie de assalto indiscriminado da floresta e de toda sua biodiversidade, com intervenções drásticas sobre as populações primitivas que habitavam a inóspita região. Segundo o romancista e historiador amazonense, Márcio Souza:

> Entre a chegada dos primeiros europeus e o fim do sistema colonial, 250 anos se passaram. Foram tempos de conflito e de muito sangue derramado, em que um mundo acabou em horror e outro começou a ser construído em meio ao assombro. [...] os europeus se mostraram extremamente repetitivos. Chegaram em busca de riqueza e se deram conta da falta de mão de obra. Assaltaram as populações indígenas, apresaram escravos, mas a carência de mão obra persistiu. Esse ciclo começou, muitas vezes, com as populações indígenas pagando um preço elevado. A Amazônia, como hoje a conhecemos, é fruto dessa cega perseverança (SOUZA, 2009, p. 65).

Isolada geograficamente do resto do país, por não possuir nenhuma rota terrestre que a ligasse à região sul e sudeste, é apenas a partir dos meados do século XVIII, no governo do Marquês de Pombal, que a Amazônia se tornaria alvo de experiências na área agrícola e pecuária, com intuito de garantir a posse da região por meio da fixação do homem a terra, que já contava com a presença militar a fim de garantir a soberania na região.

Com a exploração da borracha iniciada na segunda metade do século XIX, a região Amazônica sai do isolamento e passa a ocupar momentaneamente um lugar de destaque no cenário econômico nacional, um período significativo para a expansão e o crescimento da região, que também a integrou ao comércio internacional. Porém, com a exploração dos plantios de seringueira planejados nas regiões tropicais da Ásia no início do século XX, a economia da região entra em colapso por não conseguir competir com os preços baixos do produto asiático. A colheita de outros produtos extrativistas da região, como a castanha-do-pará e a juta, não conseguem sustentar o comércio local, que começa a fechar suas portas.

Sem apoio do governo federal, a partir de então a região entra num período de grande dificuldade econômica. Em Souza (op. cit.), vamos encontrar o seguinte esclarecimento acerca desta situação:

> Para as elites políticas brasileiras que lutavam pelo poder, a Amazônia deveria permanecer novamente fechada, conservada com pequenas migalhas para evitar a deterioração completa. Qualquer medida objetiva ficava para o futuro, já que outras áreas brasileiras mais viáveis ao desenvolvimento imediato clamavam por soluções. Além do mais, as exigências da Amazônia extrapolavam, como ainda extrapolam, os recursos e limitações estruturais do Brasil (SOUZA, op.cit., p. 311).

Com o golpe militar em 1964 é implementada no Amazonas uma nova política de expansão do capitalismo criada pelo governo federal, por meio da isenção de taxas alfandegárias na região, que incentiva a criação do Distrito Industrial e a implantação da Zona Franca em Manaus no ano de 1967. Em contrapartida, esse período trouxe à capital amazonense milhares de migrantes que, em busca de emprego aportaram na cidade de Manaus gerando assim um crescimento populacional desordenado, incorporado a uma infraestrutura urbana precária que ocasionou o surgimento de inúmeras favelas, aumentando, dessa forma, o trabalho informal na periferia, além de acarretar muitos outros problemas à sociedade manauara em expansão.

De acordo com Souza, *enquanto a cidade de Manaus tende a se transformar num pólo tecnológico e centro de biodiversidade* (op. cit. p.340), em contrapartida, ainda como parte

dos projetos "integradores para a Amazônia", inicia-se na década de 1970 a construção da rodovia Transamazônica (BR 230), com intuito de povoar e integrar as regiões norte e nordeste ao restante do país.

No entanto, este empreendimento, assim como alguns outros em várias partes do imenso território amazônico, tornaram-se responsáveis diretos pela destruição de grande parte da floresta, que se sucumbiu a ação devastadora de agricultores, pecuaristas, madeireiros, garimpeiros, entre outros, espalhados por diversas áreas da região Amazônica[6]. De acordo com Souza (op. cit.), os mais conservadores levantamentos apontam que, aproximadamente, 11% da cobertura vegetal da região Amazônica foi irremediavelmente destruída até o ano de 2001, apenas na Amazônia brasileira.

O atual cenário de devastação que se alastrou pela floresta Amazônica é o reflexo desses modelos econômicos impostos pelo governo com suas consequências drásticas, tanto para o ecossistema como também afetando diretamente a população nativa e pobre que sempre buscou o extrativismo natural como forma de subsistência.

Dessa forma, o poeta Max Carphentier é mais um cidadão brasileiro que, através de sua poesia, clama aos "homens de boa vontade" para que sintam-se responsáveis pela vida no planeta, que está sendo ameaçada e sacrificada, e se não a protegermos, em breve também irá desaparecer juntamente com a floresta.

Max Carphentier e o "discurso engenhoso" em favor da floresta

Publicada pela primeira vez em 1979[7], pela Universidade do Amazonas, a obra O *Sermão da Selva*, trás como característica peculiar versos cujo conteúdo poemático se estruturam em forma de "sermões", como já sugere o próprio título. O conteúdo apresenta fortes características simbolistas e modernistas que, como já foi dito anteriormente, se sobressaem ao longo de todo o texto.

---

[6] Milhares de pessoas provenientes da região sul do Brasil, empurradas pela modernização do sistema agrário da região, migraram para a região norte na década de1960, sendo os estados do Pará, Maranhão e Rondônia os que mais receberam os colonos que adquiriram latifúndios de forma legal, e também ilegalmente, gozando dos incentivos fiscais do governo e sem o menor controle de ocupação. Tomaram posse das melhores áreas produtivas da região, que mesmo com o final da ditadura militar, e o governo da "Nova República", não foram tomadas medidas a fim de impedir que a destruição da floresta se expandisse por meio das atividades agrícolas (SOUZA, op.cit., p.352).

[7] A obra O *Sermão da Selva* foi publicada pela primeira vez em 1979, e reeditada em 1982. Sua terceira reedição, e mais recente, a qual utilizaremos em nosso trabalho, é datada do ano de 1995.

As características simbolistas presentes nesta obra podem ser observadas a partir da mensagem sugestiva e reflexiva, proposta pelo autor, como neste verso: *além de alma e matéria o homem é sonho* (p.45), no qual, além da imaginação e da fantasia, expressa também a dicotomia, ressaltando que a vida humana não teria sentido se o homem não fosse movido pelos seus ideais.

A linguagem simbólica e metafórica, que perpassa todo o poema, é também acompanhada de imagens visuais, que se somam à musicalidade das palavras, produto das aliterações, como nos versos: *por esses vós sereis respeitadas, árvores mansas* (p.19), e *respeitarão o verde, o verde-vida, verde-salvação* (p.17). Essas repetições de sons em "s" e "v" parecem reproduzir o barulho das pisadas sobre as folhas que recobrem o solo da floresta, o movimento produzido pelo vento nos ramos das árvores, bem como a agito das águas dos rios e igarapés, lembrando ao homem o quanto a natureza é perfeita e harmônica, cuja sintonia precisa ser protegida e preservada.

A poesia sermonista carpenthiana é também possuidora de características modernistas, ou pós-moderna, de acordo com sua época de publicação. É composta por versos livres, nos quais podemos identificar traços neorrealistas que reproduzem a realidade vivida pelo autor, que se sobressaem através do engajamento autoral aos motivos sociais e ideais humanitários.

Segundo Luís Filipe Silvério Lima (2011), desde o século XVII e talvez em grande parte do período Moderno, os sermões foram a fonte principal de comunicação e doutrina entre os cristãos da Europa e do Novo Mundo, que por tratar-se de um discurso com embasamento bíblico, e proferido por religiosos, ganhou força e notoriedade na sociedade daquela época.

Quando se fala em discurso literário com embasamento religioso, ou discurso religioso com característica literária, não podemos deixar de mencionar o nome do padre português Antônio Vieira, que se tornou figura notória na literatura brasileira como precursor desta modalidade. Jesuíta integrante da companhia de Jesus[8], Vieira desembarcou no Brasil ainda menino e pregou a todo seguimento da sociedade na qual se destacou, em termos de política e oratória, como missionário na evangelização e defesa dos direitos humanos dos povos indígenas. Habilidoso no trato e na condução das palavras, Vieira, com seu "discurso engenhoso", assim o classifica Antônio J. Saraiva (1980), usava em seus sermões uma

[8]A Companhia de Jesus, foi uma Congregação religiosa fundada por Inácio de Loyola, quando estudante da universidade de Paris, e regulamentada pelo papa Paulo III no ano de 1540. Na época da colonização do Brasil, a coroa portuguesa enviava seus sacerdotes para ensinar a doutrina cristã aos índios a fim de convertê-los ao catolicismo. Os jesuítas realizavam um trabalho de divulgação do cristianismo entre as comunidades indígenas, chamado "catequese" (EDUC, 2011).

linguagem simples e convincente, fazia-se entender tanto por homens da corte como por colonos analfabetos das aldeias brasileiras, *nada lhe era mais estranho do que o conceito da arte pela arte* (SARAIVA op. cit., p.113).

Se no contexto histórico ao qual pertenceu o padre Vieira, o Império Colonial Português impunha de maneira arbitrária o catolicismo sobre as comunidades indígenas e africanas, como ideal de salvação, na contemporaneidade a qual Carphentier encontra-se inserido, pode-se também considerar que a salvação da vida existente em nosso planeta esteja diretamente relacionada à conscientização humana em relação à preservação ambiental.

Tomando como objetivo principal de sua construção poética a defesa da floresta Amazônica, a obra carpenthiana, com seu conteúdo poético em forma de "sermões", se estrutura esquematicamente em quatro partes, nas quais o autor, através de um discurso também "engenhoso", termo este que tomamos de empréstimo a Saraiva, procura expor sua mensagem, de cunho educativo e conscientizador, da seguinte maneira:

Na primeira parte o eu-lírico expõe sua matéria sermonista ao conclamar os que lamentam e os que suprimem o avanço dos desertos em respeito à vida vegetal amazônica, *Porque esses, temendo o deserto, amarão a selva* (p. 15). Nesta primeira parte da poesia/sermão, o eu - lírico se reporta ao deserto do Atacama no Chile, cujo solo é formado basicamente de sal e areia, que se estende desde o norte chileno até a fronteira do Peru, considerado o deserto mais árido do mundo, devido a sua altitude. A ameaça de aproximação é assim descrita pelo autor:

> Bem - aventurados aqueles que lastimam e os que combatem
> o estender-se mortal do Atacama vizinho
> com seus dentes carpindo a cordilheira a oeste
> e suas patas de chuvas evadidas
> ciscando fogo, foices da invasora
> branca fúria de sal no chão do Chile (p.15).

Esta estrofe apresenta uma linguagem rica em metáforas. Nela o eu-lírico se reporta ao deserto como emblema da esterilidade. A palavra "dentes" é utilizada como símbolo da agressividade árida que avança, e que necessita ser vigiada e contida, da mesma forma que, "foices da invasora" , e "branca fúria de sal", são expressões metafóricas que sinalizam a presença gradativa de morte sobre a floresta e, consequentemente, a desertificação ambiental, sob os efeitos maléficos do "fogo", com sua fumaça que obscurece e sufoca isto, resultado das queimadas que devoram e destroem o verde natural.

Ainda nesta estrofe, o autor se dirige aos que combatem o "estender-se do deserto" através da palavra ou da ação. Exorta às pessoas, em relação à necessidade da preservação das florestas e dos mananciais, para que não ocorra a expansão do deserto vizinho e a destruição se alastre na selva, causando o desaparecimento do verde, das sombras, dos frutos, enfim, da biodiversidade Amazônica. Após a superação da "terrível ameaça", como recompensa, os valorosos "combatentes" são convidados a festejar a vida, que se renova nas gerações futuras, na qual *muitos frutos socorrerão a sua sede* (p.15), na plenitude da vida e na alegria do dever cumprido enquanto cidadão.

Ainda nesta segunda estrofe, da primeira parte do poema, o eu-poemático enumera, a fim de reafirmar a riqueza vegetal contida neste território, uma variedade de árvores que compõem a verde floresta amazônica, e os benefícios que trazem ao homem. Lembra-nos suas utilidades de "verde-vida" e "verde-salvação", fazendo questão de citar o pau-rosa, conhecido por sua fragrância, por isso muito apreciado pela indústria de perfumes, outras, como a muirapinima, a copaibeira e a andiroba utilizadas na indústria farmacêutica, também a acariquara e o cumaru–ferro, madeiras de grande valor nas construções de galpões e moradias.

Na terceira estrofe, desta primeira parte, vale ainda destacar a referência feita pelo eu- poemático em relação à devastação da floresta, como se estivesse falando da própria vida humana, haja vista que a árvore simboliza a vida que ascende, e sua seiva é a essência do vegetal, assim como o sangue simboliza a vida humana: [...] *Como então/rapidamente extinguir-vos nesse/genocídio da seiva lagrimando em caules abatidos?* (p. 19). Atentamos aqui para a tristeza do eu-lírico em face a rapidez com que a flora amazônica é destruída por meio de derrubadas e queimadas que se expandem dia após dia, gerando angústia aos que defendem o verde da floresta.

Na quarta estrofe, ainda da primeira parte da obra, o eu-lírico se reporta a renovação gradativa da natureza, para que assim, as árvores continuem *unas na selva/ sob o signo do equador* (p.21). Significa que o homem pode reverter esse quadro de destruição, com bravura, se *o renovar das forças consid*era (p.21), para que haja uma relação de harmonia entre os seres, que se expressam nas palavras do poeta como a "paz cenozóica" (p.21), sob a luz do sol, na *terra que se abre como vasta flor cindida* (p.21), ou seja: a mãe-terra sempre disponibiliza seu colo para a perpetuação da vida, coloca-se continuamente pronta para receber o fruto, germinar a semente e assim, recomeçar o maravilhoso ciclo da vida.

Na segunda parte, das "Bem-aventuranças", o eu-lírico novamente retoma a temática do deserto e sua constante ameaça de invasão, geradora de inquietações aos nativos. Novamente exalta os que respeitam a selva e que nela encontram os meios para a

sobrevivência, pois dela podem extrair alimentos e bebidas tanto para consumo próprio como para comercializar, *(...) terá sempre, contra a fome,/ gestos de fruta-pão* (p. 27). A figura do indígena também é ressaltada como homem simples, porém sábio.

Com seu intuito educativo acerca da preservação ambiental, ainda nesta segunda parte, o eu - lírico se reporta aos que estudam e advertem a respeito da imensa mancha do Thar[9] no peito indiano, faz também uma conscientização acerca do respeito que se deve ter pela natureza, referindo-se aos povos indígenas como protetores e protegidos da floresta, por temer que um dia ela possa se tornar um deserto, onde toda a exuberância tenha desaparecido, *Porque esses, considerando o deserto, respeitarão a selva/e participarão da festa de suas cores soltas [...]* (p.25). Nesse momento de profunda exaltação da natureza, repleta de beleza e cores variadas, seja referindo-se as borboletas com suas cores soltas no ar, ou a música produzida pelas asas do beija-flor que paira em equilíbrio, enquanto suga da flor o seu alimento, não passam despercebidas pelo poeta.

Neste capítulo notamos também a personificação que permeia toda a obra, ao se enfatizar as maravilhas da natureza:

> No fruto que suporta em seu corpo pendente
> a força da vegetal misericórdia
> [...] leves ânsias de céu no sono das orquídeas,
> [...] As sedas matutinas da túnica do estio urdida em borboletas.(p. 25).

Atentamo-nos para esses versos que segundo o autor, o cuidado para com a fauna e a flora deve ser primordial, pois a natureza amazônica não se resume apenas a um cenário de belezas naturais, que deve ser preservado para atrair sobre si os olhares do mundo, e sim, como um local que precisa ser percebido interiormente, como um meio que propicia aos seus habitantes nativos o desenvolvimento da vida, pois é dela que eles colhem o seu sustento, ao mesmo tempo em que se sentem amparados e protegidos pela floresta, que é um recurso natural renovável. A proteção acolhedora da floresta é personificada através da palmeira, que também é símbolo da vitória e da ressurreição, é sob sua sombra que o nativo se refugia do medo, sendo acolhido pelas *mãos cheias de amparo das palmeiras* (p.27).

Na terceira parte dos "sermões", o eu-lírico amplia seu espaço e argumento "de pregação", neste momento ele se reporta à situação dos rios, e à realidade destrutiva a qual se encontram expostos, por meio das represas que interrompem seus leitos, matando os peixes

---

[9]O deserto do Atacama é considerado o mais árido do mundo devido a sua altitude e escassez de chuvas. Localiza-se ao norte chileno e seu solo é formado basicamente de sal e areia.

(principal fonte de alimento do ribeirinho), poluindo suas águas e causando doenças a quem às consome, e muitas vezes levando o caboclo amazônico à morte.

Mas, este é também o momento no qual o eu-lírico proclama a felicidade dos que almejam a harmonia natural dos seres vivos, respeitam o ciclo da vida e a perpetuação da espécie, transformando os recursos da natureza em benefício da vida. Para enfatizar seu discurso poético, o autor utiliza-se dos recursos de linguagem constantemente, como a paráfrase ao texto bíblico, presente no seguinte verso: *Desses o galardão maior será a vitória [...]* (p.37), palavras estas também proferidas por Cristo, quando este subiu ao monte e declarou solenemente as *Bem-aventuranças* aos que se mantiverem fiéis a Deus. Com isso, o eu–lírico carphentiano dá ênfase a recompensa que terão aqueles que bem cuidarem da obra de Deus, dedicada ao homem, ou seja, a natureza, que sabe ser generosa com seus benfeitores, proporcionando-lhes colheita farta, que se evidencia na força permanente e renovada da criação:

> [..] da semente na várzea e a azáfama dos rios
> carregando no braços as cestas das colheitas,
> a juta a estender nas touceiras do dia
> seu vestidos de sol bordados pela terra;
> e as canoas fartas levando os seus pomares, (p.37).

Na quarta parte da obra de Carpenthier, o eu-lírico novamente atribui a proteção da natureza aos ambientalistas e demais defensores da fauna e da flora sacrificada, defende o reflorestamento e mais uma vez destaca o índio como um ser que sabe conviver de forma equilibrada com os elementos naturais.

Nesta última parte do sermão carpenthiano, o eu-poemático prossegue advertindo para a ameaça constante dos avanços dos desertos, causados pelo desmatamento acompanhado de queimadas. O eu-lírico faz uma ressalva àqueles que socorrem a natureza injustamente destruída, assim como as muitas espécies animais e vegetais que estão em extinção. Lembra também das mãos que não cessam de multiplicar o verde, plantando muitas árvores que contribuirão para o bem-estar da vida na terra, pois, de acordo com o eu-lírico, agraciados são os que se sensibilizam e têm um cuidado especial com a fauna e a flora, porque esses valorizam o maior presente que Deus nos deu, que é a natureza rica em sua biodiversidade:

> Bem - aventurados os que socorrem a fauna sacrificada
> e salvam da extinção cantos indispensáveis,
> belos saltos de cor, imponência felinas
> e todas as claras provisões de ternura animal

que a magnífica fonte espalha na selva (p. 41).

Neste contexto, a figura do índio e do caboclo reaparece como seres que muito antes da chegada da "civilização" já estavam ocupavam o imenso território amazônico, vivendo na selva e em equilíbrio com o meio, transmitindo aos seus descendentes, através de suas história e lendas, *filhas da solidão e dos remos peregrinos* (p. 45), seus costumes e crenças, pois *além de alma e matéria, o homem é sonho*, e por isso necessita viver em comunhão ao meio no qual se comunica "com as plantas" e com elas partilha *da luz e da emoção* (p. 45).

É relevante observarmos também que na última parte dos sermões, as palavras do autor soam como um chamamento a todas as classes distintas da sociedade, para que, através de sua arte, possam contribuir de maneira expressiva na luta em defesa da natureza, a fim de que a mesma possa resistir aos agravos que há muito vem sofrendo pela intervenção humana.

Cabe ainda observar, que todos os poemas são acompanhados de ilustrações que remetem o leitor ao tema abordado, ou seja, a temática da destruição e da preservação do meio ambiente é também retratada por meio de ilustrações que acompanham a temática do poema. A paisagem, no decorrer de toda a obra é delineada gradativamente à medida em que a poesia apresenta os diferentes aspectos, ou seja, ora representam a destruição da floresta, que gera tristeza e miséria aos nativos, ora mostra a selva sendo reconstruída em seu apogeu, o que proporciona ao caboclo alegria e colheita farta. As gravuras procuram também, ao longo da obra, chamar a atenção do leitor e evidenciar que o presente e o futuro da Amazônia encontram-se nas mãos do homem. Dessa forma, as ilustrações adquirem a função não só de enfatizar a veracidade do discurso, mas também de resignificar o conteúdo expresso que, em se tratando de "sermões", é necessário que tenham clareza, para que haja total compreensão da mensagem transmitida e, acima de tudo, possam não só transmitir uma mensagem, mas também sensibilizar e persuadir o leitor em relação ao conteúdo trabalhado.

Dessa forma, a teopoética carphentiana cumpre sua função educadora e evangelizadora quando o autor busca, por meio de argumentos persuasivos, levar o leitor a uma reflexão a respeito da responsabilidade humana em relação à conservação dos recursos naturais como possibilidade da perpetuação das espécies existentes na terra, e também por sugerir mudanças de mentalidade na relação do homem, "os bem-aventurados", com os demais elementos do mundo natural, a fim de que possam viver de maneira equilibrada e, assim, assegurar a "salvação" e a perpetuação da vida humana no planeta.

Considerações finais

Através de uma leitura cuidadosa da obra *O Sermão da Selva*, contextualizada à temática da destruição e preservação da Amazônia, tema este por nós tomado como foco de análise, foi possível constatar o quanto os elementos naturais, sejam vegetais, animais e/ou minerais, que compõem o imenso território amazônico, foram, e ainda são, alvos da cobiça e destruição humana ao longo da história e, por esse motivo, encontram-se hoje mediante um lamentável estado de degradação, inclusive com algumas espécies animais e vejetais já em processo de extinção.

É diante desse estado de degradação que a poesia ecológica e religiosa de Max Carphentier não só clama pela preservação como também busca imprimir em seu fazer poético não só a exaltação, mas também apelo e suplica, a fim de sensibilizar e conscientizar os seres humanos sobre a causa e os efeitos de suas ações sobre o meio ambiente. Desta forma, a poesia carphetiana, por meio de uma linguagem espiritualista, atua como um instrumento importante de informação, conscientização e persuasão acerca da necessidade de ampliação dos esforços relacionados à conservação e gestão sustentável da floresta amazônica. .

É relevante observarmos também, que ao construir um discurso literário em forma de sermão, há, como é da natureza da linguagem sermonista, a preocupação autoral em relação ao seu público receptor, acerca do entendimento da mensagem transmitida, que, por sua vez, deverá ter clareza e objetividade, a fim de que possa abranger o maior número possível de pessoas, independentemente da faixa etária ou do nível intelectual, aja vista que os argumentos do sermonista costumam trazer como objetivo principal o convencimento de sua platéia acerca da veracidade dos fatos mencionados em sua pregação.

Dentro desta perspectiva, identificamos na obra *O Sermão da Selva* características peculiares a esta modalidade literária utilizada pelo autor, pois o mesmo está pautado em mensagens sagradas, como é da natureza dos sermões, como já se anuncia no próprio título da obra, e possui também cunho educativo e persuasivo. É perceptível, inclusive, uma estreita fundamentação do texto carphentiano no *Sermão da Montanha*, texto bíblico no qual, segundo o evangelista Mateus, Cristo enquanto pregador e defensor dos pobres e oprimidos, subiu a montanha para proferir ao público, que depositavam sua esperança na justiça divina, as bem-aventuranças do reino de Deus, que consistiam na escuta e no cumprimento da vontade do

Senhor, de acordo com os ensinamentos de Jesus (STORNIOLO & BALANCIN, 1990, p.1242).

Assim, a linguagem e o conteúdo sermonista carphentiano aproxima-se do sermão bíblico quando busca, por meio de argumentos persuasivos, levar o leitor a uma reflexão a respeito da responsabilidade do homem em relação à preservação dos recursos naturais, sugerindo uma mudança de mentalidade na relação do homem com o mundo natural, a fim de que possam viver de maneira equilibrada e, assim, assegurar não só a "salvação" da vida no planeta, mas também sua continuidade e viabilidade as gerações futuras.,

Diante do exposto, podemos concluir que a participação dos cidadãos "de boa vontade", na causa amazônica é de suma importância à preservação e restauração da natureza, seja através da palavra que educa, ou da ação que exemplifica. Dessa forma, o discurso ambientalista e de cunho religioso usado pelo autor, em forma de "*poesia/sermão"* reflete seus anseios de respeito e amor à natureza como a grande criação de Deus, da qual o homem é responsável pela sua preservação, embora não esteja agindo de forma consciente e comprometida com seus deveres e obrigações para com o meio ambiente ao qual está inserido, e do qual depende não somente a sua vida, mas também a de outras espécies que necessitam se reproduzir e renovar em gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia. In **Amazônia***: região universal e teatro do mundo*. Org. Willi Bolle, Edna Castro, Marcel Vejmelka. São Paulo: Globo, 2010, p 19-56.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 10ª. Edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CARPHENTIER, Max. **O Sermão da Selva**. 3a. Edição, Manaus: UA, 1995.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. In: **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24ª edição, Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2009.

EDUC. **Jesuítas**. Disponível em: http://www.educ.sc.br.pt/docentes/momentos/jesuitas Acesso em 22/07/2011.

GOLDMANN, Lucien. A sociologia do romance. Trad. Álvaro Cabral, 2ª. Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LIMA, João Gabriel de. O ano em que a Amazônia começou a morrer. **Revista VEJA**. Ed. ABRIL, ano 38 – n. 52, 2005, p. 172-182.

LIMA, Luís Filipe Silvério. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/vieira-sermoes. Acesso em 22/07/2011.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. Edenismo & Infernismo. In: **Fatos da Literatura Amazonense**. EDUA, 2°. Ed. Revisada, 1998, p. 125-180.

Neto, Pereira. Jornal **O Liberal**, Belém, 1980, s/p.

NEVES, Auricléia Oliveira das. **Salmos pela vida amazônica**. XII Congresso Internacional da ABRALIC: *Centro, Centros – Ética, Estética*. UFPR, Curitiba, 2011.
SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

TELLES, Tenório, Apresentação. In: FARIAS, Elson. **Barro Verde**. 2ª. Edição, Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.

TUFIC, Jorge. Literatura Amazonense (de Carvajal a Ferreira de Castro). In: **Existe uma Literatura Amazonense?** UBE do Amazonas- União Brasileira de escritores, 1982, p. 11-49.

SARAIVA, Antonio J. **O discurso engenhoso –** estudos sobre Vieira e outros autores barrocos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980 p. 113-125.

STORNIOLO, Ivo e BALANCIN, Euclides Martins. **Bíblia Sagrada**, ed. Pastoral. 1990.